

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS – UEG**

**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE POSSE**

**DALCIONE PEREIRA MARQUES  
SIBELI HERNANDES**

**A CONDIÇÃO HUMANA EM *UM COPO DE CÓLERA*,  
*DE RADUAN NASSAR***

**POSSE - GO  
NOVEMBRO/ 2012**

DALCIONE PEREIRA MARQUES

SIBELI HERNANDES

**A CONDIÇÃO HUMANA EM *UM COPO DE CÓLERA*,  
*DE RADUAN NASSAR***

Monografia apresentada à Coordenação de Letras da Universidade de Goiás – Unidade Universitária de Posse, para obtenção do grau de licenciadas em Letras-Português/Inglês.

Orientador (a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Jane Adriane Gandra

**POSSE - GO  
NOVEMBRO/ 2012**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE POSSE**

PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA – MONOGRAFIA

DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE MONOGRAFIA

---

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**AUTORES:** Dalcione Pereira Marques

Sibeli Hernandes

**TÍTULO:** “A Condição Humana em *Um Copo de Cólera*, de Raduan Nassar”

Monografia defendida e aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_, com NOTA \_\_\_\_ (\_\_\_\_), pela comissão julgadora:

---

**Orientador: Prof. Dra. Jane Adriane Gandra/ UEG**

---

**Prof. Msc. Alcemir Pinheiro Ribeiro / UEG**

---

**Profa. Anádia Binda /UEG**

---

**Prof<sup>ª</sup>. Esp. Doralice Santiago Rocha**  
**Coordenadora do Curso de Letras-Português/Inglês**

---

**Prof<sup>ª</sup>. Dra. Jane Adriane Gandra**  
**Coordenadora de Monografia**

*Dedicamos aos nossos pais, os quais são os maiores responsáveis e incentivadores da nossa conquista. A eles que não mediram esforços na realização desse sonho, nossa eterna gratidão!*

*O ser humano não é mais uma criatura feita por Deus a sua imagem, mas um ator social definido por papéis, isto é, pelas condutas ligadas a status e que devem contribuir para o bom funcionamento do sistema social (Alain Touraine, **Crítica da Modernidade**, 1997).*

## **AGRADECIMENTOS**

Aos nossos mestres, por todos os ensinamentos ao longo da nossa caminhada.

À nossa orientadora Dra. Jane Adriane Gandra, pela sua incansável dedicação e ajuda.

A Deus, por nos permitir alcançar mais esta vitória em nossas vidas.

## RESUMO

Na era capitalista, a sociedade tem sofrido diversas mudanças, tanto de ordem econômica como comportamental. Georg Simmel (1987) vê o dinheiro como o herói e o vilão da modernidade. Apesar de facilitar as relações comerciais, ele contribuiu para a impessoalidade, pois, todo contato com o outro é visto em bases mercantilistas. Assim, se as facilidades do mundo moderno trazem comodidade e agilidade ao indivíduo, por outro lado, acaba por influenciar negativamente nos seus valores morais. Tendo em vista este novo homem do milênio, é proposta deste trabalho discutir a condição humana na obra pós-modernista, *Um copo de cólera*, de Raduan Nassar. Dessa maneira, buscaremos ressaltar as imagens do homem moderno e como se dão suas relações interpessoais. Como embasamento teórico, trazemos à luz importantes estudos, como os de Erich Fromm (1987), Gilles Lipovetsky (2005) e Zygmunt Bauman (2008), que destacam a problemática do caótico e fragmentado mundo moderno.

**Palavras-chave:** *Um copo de Cólera* – Raduan Nassar – Condição Humana – Sociedade Moderna – Pós-Modernismo.

## ABSTRACT

In the capitalist age, the society has undergone several changes both in the economic and behavioral. Georg Simmel (1987) sees money as the hero and villain of modernity, despite facilitate trade, on the other hand, also contributed to the impersonality therefore all contact with others is seen in mercantile bases. So if the facilities of the modern world bring convenience and flexibility to the individual, on the other hand, ultimately impairing the morals. Given this new man of the millennium, this work is proposed to discuss the human condition in the work postmodernist, *A cup of anger*, Raduan Nassar. Thus, we will seek to highlight the images of modern man and how to give their interpersonal relationships. As a theoretical background, we bring the light of major theorists such as Zygmunt Bauman (2008), Erich Fromm (1987) and Gilles Lipovetsky (2005), which highlight the problem of chaotic and fragmented modern world.

**Keywords:** *Um copo de cólera* – Raduan Nassar – Human Condition – Modern Society – Postmodernism.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1. O HOMEM MODERNO NO CAOS DA ERA DO CAPITAL</b> .....	11
1.1 – A fragilidade das relações humanas na sociedade moderna .....	11
1.2 – Os indicativos do capitalismo nas relações humanas: consumismo, perdas e ganhos.....	13
1.3. Na era da contemporaneidade, o ser humano como produto perecível e o vazio existencial proveniente da sociedade líquida.....	17
<b>2. A CONDIÇÃO HUMANA REPRESENTADA EM <i>UM COPO DE CÓLERA</i></b> ....	22
2.1. O <i>eu</i> e o <i>outro</i> sob a ótica de <i>Um copo de cólera</i> .....	26
2.1.1. O intolerante .....	27
2.1.2. O Narcisista .....	29
2.1.3. O solitário .....	30
<b>CONCLUSÃO</b> .....	33
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	35

## INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo conhecer a imagem do homem moderno por meio da narrativa confessional de *Um Copo de Cólera*, de Raduan Nassar. Para tanto, por meio de pesquisa bibliográfica, procuramos manter um diálogo entre esta ficção e a teoria de importantes filósofos e sociólogos, como Erich Fromm (1987), Gilles Lipovetsky (2005) e Zygmunt Bauman (2008), no que se refere às relações humanas na sociedade moderna.

A escolha do tema deu-se pelo nosso grande interesse em desvendar os enigmas que cercam sobre as mudanças comportamentais e interpessoais do indivíduo em decorrência da modernidade. A opção por Raduan Nassar está relacionada a seu estilo literário sempre voltado para a representatividade humana sob um prisma filosófico e sociológico. Nossa justificativa de tentar obter as representações da sociedade moderna no livro *corpus* está no fato das personagens principais serem nomeadas de “Ele” e “Ela” tornando assim, a nosso ver, a representação da coletividade humana na contemporaneidade.

O enredo da obra de Nassar retrata um dia na vida de um casal típico da atualidade, e não foge às suas tendências modernistas ao criticar o modo como se dão as relações na sociedade, demonstrando a fragilidade dos relacionamentos, a perda dos valores e da ética, e as mudanças comportamentais do *eu* diante da *autoridade*.

Para isso, este estudo foi dividido em dois capítulos, sendo o primeiro dedicado à análise do homem diante do caos da era do capital, onde foram abordadas as mudanças no modo de pensar e agir dos seres em decorrência das exigências impostas pela sociedade moderna. Uma revisão bibliográfica sobre este assunto foi necessária para demonstrar o perfil do indivíduo na modernidade em que o *ter* é mais valorizado do que o *ser*, pois as pessoas não são vistas como semelhantes e sim como coisas. Assim, os vínculos humanos aparecem voltados à ideia monetária. E, mesmo estando na era da comunicação, com todas as facilidades da globalização, o ser humano nunca se sentiu tão solitário quanto agora.

Com base nas discussões apresentadas no primeiro capítulo, no segundo momento desta dissertação tentamos relacioná-las à análise de *Um Copo de Cólera*, de Raduan Nassar. Para nós, é evidente que a personagem “Ele” representa o comportamento do homem moderno, permitindo que o leitor conheça as diversas faces do indivíduo contemporâneo. Por exemplo,

na convivência de “Ele” com as outras personagens, deparamos com sua personalidade intolerante, narcisista e solitário, características que estão relacionadas ao grande mal-estar da pós-modernidade.

Na conclusão, buscamos ressaltar sumariamente as principais discussões sobre o comportamento humano na modernidade.

Esperamos, por fim, que este estudo possa trazer uma reflexão profícua no que se refere à complexidade humana na contemporaneidade. Afinal, somos testemunhas de todas estas transformações, e conhecer mais sobre este *novo* homem, ajuda-nos a compreender melhor não somente ao outro, mas principalmente a nós mesmos.

# 1. O HOMEM MODERNO NO CAOS DA ERA DO CAPITAL

A sociedade tem passado por muitas transformações no decorrer dos séculos, sejam elas econômicas, sociais, históricas ou tecnológicas. A era capitalista trouxe desenvolvimento e progresso, mas na contramão acabou influenciando negativamente os comportamentos humanos.

O homem moderno teve de se adequar a essas mudanças para se inserir neste meio, tendo sido afetado ao longo dos anos o seu pensar e agir. Diante disto, vários estudiosos têm se dedicado ao estudo destas mudanças que alteraram as nossas relações com o outro. Além disso, esse levantamento de questões possibilita inclusive que reflitamos sobre nós mesmos.

Assim, neste primeiro capítulo, apresentaremos uma revisão bibliográfica de alguns teóricos que refletem sobre as relações e comportamentos humanos na modernidade. Com isso, poderemos no segundo capítulo discutir *Um copo de cólera*, de Raduan Nassar à luz das imagens de um novo e contraditório homem moderno.

## 1.1 – A fragilidade das relações humanas na sociedade moderna

Sentimentos que sempre foram tão importantes e valorizados outrora, hoje, vêm perdendo espaço neste mundo de ambição e de *aparente* desapego emocional. O amor, que antes era visto como fator fundamental para as relações interpessoais, retratado por décadas como sublime e essencial pelos poetas, está entrando em decadência entre os homens. Não é mais visto como algo primordial, sendo, portanto, deixado para segundo ou terceiro plano na vida das pessoas.

Na era consumista, os bens materiais exigem mais atenção do que o relacionamento com o outro que, às vezes, é visto como um problema, mais uma preocupação, diante de tantas exigências da modernidade. Por isso, o homem contemporâneo foge destas complicações amorosas.

Amar na atualidade é visto como algo arriscado, perigoso, pois constitui estar vulnerável ao outro. E esse caráter de dependência é incompatível com o liberalismo do indivíduo cidadão. Tememos amar plenamente alguém porque até mesmo o sucesso da relação com o

outro é indicada como ser bem-sucedido, fazer parte do clã que tem somente êxito nesse mundo de competitividade. Isto é, fui competente ou não, posso vir a ser usado e excluído pelo outro. O homem moderno está sempre às voltas com o fantasma do fracasso que pode a seu ver macular a boa imagem. Para esta eterna sombra do insucesso que persegue as pessoas na modernidade, Zygmunt Bauman considera que “[...] desenvolvemos o crônico medo de sermos deixados para trás, de sermos excluídos.” (BAUMAN, 2008a, p.29).

Daí, a explicação para tantos relacionamentos frustrados e movidos por encontros casuais, sem que haja uma doação sentimental completa de si e um envolvimento de entrega entre o casal. Não podemos negar a contradição em que vive a humanidade atual que, por outro lado, não consegue esconder a:

[...] misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos, é o que este livro busca esclarecer, registrar e apreender [...] (BAUMAN, 2004, p. 8).

Para Bauman (2008), de acordo com seu conceito de sociedade líquida, na modernidade tudo se torna instável, propenso à volubilidade e à insegurança. Ao mesmo tempo em que o ser humano teme a solidão, um mal da era moderna, mantém certa distância para com o outro, como forma de não perder a sua liberdade. Não sente segurança no parceiro, pois tudo é incerto. A relação não é construída em bases sólidas, justamente com o objetivo de retomar a normalidade, caso ela não venha a suprir as expectativas. Ou seja, se o relacionamento não der certo, o casal se separa e cada um passa a viver sua vida sem o outro, como se nada houvesse ocorrido. Este tipo de relação líquida gera uniões instáveis, que não trazem confiança ao parceiro, hoje o casal pode estar bem e amanhã não, a relação oscila “entre sonho e o pesadelo e não há como determinar quando um se transforma no outro”. (BAUMAN, 2004, p. 8).

O homem moderno é desconfiado, tem medo de se arriscar, de envolver-se, de investir em algo incerto sem a garantia de que dará bons resultados, como já indicamos acima. Pois qualquer que seja o relacionamento vai exigir esforço, dedicação e empenho para que seja gratificante e lucrativo para ambos. Portanto, o homem moderno diante de tantos compromissos e afazeres quer evitar todo tipo de perda e desgaste. Uma das afirmativas de

Erich Fromm (1987) consegue concluir bem a imagem contraditória e fragmentada do indivíduo na Era do Capital:

Receamos e, portanto, evitamos, dar um passo ao desconhecido, ao incerto; porque, na verdade, embora o passo possa não parecer arriscado depois de dado, antes dele tudo parece perigoso, e daí temerário empreendê-lo. Somente o velho, o experimentado, o seguro, ou o que assim pareça. Todo passo novo traz em si o risco do fracasso, e esta é uma das razões pelas quais tanto se teme a liberdade (FROOM, 1987, p.114).

1.2 – Os indicativos do capitalismo nas relações humanas: consumismo, perdas e ganhos.

Perante as inovações industriais, a introdução do capitalismo e a busca incessante por um *status* social, consumir vem sendo o centro de tudo, até mesmo as relações amorosas são vistas como investimento. Se o relacionamento não alcançar as expectativas é visto como perda de tempo, um investimento sem retorno. Em uma feliz comparação entre o mundo monetário e o dos vínculos humanos, Bauman alerta sobre o espírito da época.

Um dilema, de fato: você reluta em cortar seus gastos, mas abomina a perspectiva de perder ainda mais dinheiro na tentativa de recuperá-los. Um relacionamento, como lhe dirá o especialista, é um investimento como todos os outros: você entrou com tempo, dinheiro, esforços que poderia empregar para outros fins, mas não empregou, esperando estar fazendo a coisa certa e esperando também que aquilo que perdeu ou deixou de desfrutar acabaria, de alguma forma, sendo-lhe devolvido – com lucro. (BAUMAN, 2004, p. 28).

Esta maneira de tratar o semelhante como um objeto é visível na atualidade. É cada vez mais difícil distinguir o ser do ter. “Numa cultura em que a meta suprema é ter – e que cada vez mais – e na qual se pode falar de alguém „valendo um milhão de dólares“, como poderá haver alternativa entre ter e ser?” (FROOM, 1987, p.35). O ter aumenta a autonomia e independência das pessoas, o dinheiro desta maneira é o que move qualquer tipo de relacionamento.

Do mesmo modo que a maioria dos homens modernos precisa ter diante dos olhos, na maior parte da vida, o ganho de dinheiro como motivação mais próxima, forma-se a ideia de que toda a felicidade e toda satisfação definitiva na vida são ligadas, intrinsecamente, à posse de uma certa forma de dinheiro (SIMMEL, 1998, p. 33).

Esta forma simbólica do lucro que se pode obter ou perder da relação estabelecida com o outro se aproxima a uma asseveração de Fromm (1987) ao afirmar que “se eu amo o outro, sinto-me um só com ele, mas com ele como ele é, e não na medida em que preciso dele como objeto para meu uso”. O homem moderno tem desejo de posse, de usufruir ao máximo alguma coisa, para caso precise trocá-la futuramente. O outro é usado para satisfazer as vontades pessoais e se não é mais necessário é simplesmente descartado, sem os pesares e implicações que envolviam um rompimento afetivo no passado.

O processo de reificação que o indivíduo hoje está totalmente submerso faz com que as pessoas se tornem mais egocêntricas quanto ao sentimento alheio. Ou seja, à medida que você convive com o outro vai se tornando indiferente ao que possa vir dele. Assim, é comum não se preocupar se irá prejudicar seu semelhante, você começa a se importar apenas consigo mesmo, a ver as coisas somente do seu ângulo. Para Gilles Lipovetsky (2005), isso decorre da “indiferença pura [que] designa a apoteose do temporário e do sincretismo individualista.” (LIPOVETSKY, 2005, p.23).

Esse individualismo narcísico, expressado na ideia de que tudo deve passar pelo crivo do eu, vai derrubar os últimos valores sociais e morais que marcaram as gerações anteriores, quando a união familiar era mais importante do que a vida privada. Hoje, pelo contrário, busca-se primeiro tudo o que satisfaça aos próprios desejos e expresse as próprias emoções, só depois se pensa na comunidade. E necessário curtir o instante para depois pensar no futuro. Viver o presente passa a ser a lei máxima dos tempos atuais. Essa tirania do individualismo inaugura a pós-modernidade (GIOVANETTI, s.d, *apud* CUNHA, p.3).

O *homo economicus*, cujo nome designa Lucien Goldmann só procura o seu próprio bem, se o consegue não interessa o que ou quem foi lesado por suas ações ou palavras. O emocional cede lugar ao racional, e o ser torna-se cada vez mais narcisista, pois não se importa com a *outridade* e, sim com a sua própria satisfação.

A vida econômica assume o aspecto do egoísmo racional do *homo economicus*, da busca exclusiva do máximo de lucros, sem qualquer preocupação pelos problemas da relação humana com outrem e, sobretudo sem qualquer consideração pelo todo. Nessa perspectiva, os outros homens tornar-se-ão, para o vendedor e o comprador, objetos semelhantes aos outros objetos, simples meios que lhes permite a realização de seus interesses e cuja qualidade humana única e importante será a capacidade para concluir contrato e engendrem as obrigações constrangedoras (GOLDMANN, 1967, p178).

Diante desse cenário em que a economia está na base das relações interpessoais, para Georg Simmel (1987), citado por Otávio Velho (1987), “ [...] somente com a modernidade é que realmente pode-se falar de individualismo ou individualização” (SIMMEL, 1987 *apud* VELHO, 1987, .p. 101-118) Não que não existissem indivíduos antes, mas só agora esta palavra adquire sua significação real de particularidade e isolamento, pois:

À medida que o grupo cresce [...] na mesma medida, a unidade direta, interna, do grupo contra os outros se afrouxa e a rigidez da demarcação original contra os outros é amaciada através das relações e conexões mútuas. Ao mesmo tempo, o indivíduo ganha liberdade de movimento, muito para além da primeira delimitação ciumenta. O indivíduo também adquire uma individualidade específica para a qual a divisão do trabalho no grupo aumentado dá tanto por ocasião quanto por necessidade. [...] A vida de cidade pequena na Antiguidade e na Idade Média erigiu barreiras contra o movimento e as relações do indivíduo no sentido exterior e contra a independência individual e a diferenciação no interior do ser individual. Essas barreiras eram tais que, o homem moderno não poderia respirar. Mesmo hoje em dia, um homem metropolitano que é colocado em uma cidade pequena sente uma restrição semelhante, ao menos, em qualidade (SIMMEL, 1987, p.19).

Simmel vê o dinheiro como o herói e o vilão da modernidade, apesar de facilitar as relações comerciais, por outro lado, também contribuiu para a impessoalidade, pois, todo contato com o outro é visto em bases mercantilistas. Trouxe muitos benefícios para o crescimento social, mas também acarretou o distanciamento das pessoas e relações por interesse.

As correntes da cultura moderna deságuam em duas direções aparentemente opostas: por um lado, na nivelção e compensação, no estabelecimento de círculos sociais cada vez mais abrangentes por meio de ligações com o mais remoto sob condições iguais; por outro, no destaque do mais individual, na independência da pessoa, na autonomia da formação dela. E ambas as direções são transportadas pela economia do dinheiro que possibilita, por um lado, um interesse comum, um meio de relacionamento e de comunicação totalmente universal e efetivo no mesmo nível e em todos os lugares à personalidade, por outro lado, uma reserva maximizada, permitindo a individualização e a liberdade (SIMMEL, 1998, p.28-29).

Podemos observar diante de tudo que foi dito, o quanto as relações humanas mudam no decorrer dos tempos, influenciadas pelos fenômenos sociais que vão surgindo à medida que a humanidade se moderniza.

A era capitalista e industrial trouxe muito progresso e desenvolvimento para a humanidade, mais tais benefícios exigiram transformações no modo de vida das pessoas. O trabalho passou a ocupar muito o nosso tempo e a administração e manutenção deste ainda é um grande problema. O sujeito não tem mais disponibilidade para dedicar-se ao lazer, está sobrecarregado, não tem tempo para os outros e nem mesmo para si. Torna-se cada vez mais difícil ter uma vida calma e prazerosa diante do ritmo acelerado da modernidade. Problemas familiares, pressão sufocante no trabalho, cobranças sociais, instabilidade econômica, violência urbana acabam privando o homem de exercer atividades que antes lhe proporcionam satisfação, aumentando, conseqüentemente, a sua ansiedade.

Presenciamos um capitalismo hedonista, no qual todas as relações são movidas pelo prazer de ter. O ato de consumir distrai o homem e alivia as suas tensões e sentimento de impotência, como também a ideia de acumular riquezas parece ser algo impossível de ser perdido ou tirado por alguém. Nessa medida, para Erich Fromm (1987), o indivíduo moderno poderia, portanto, ser equacionado em ( TER + CONSUMIR = SER)

Em resumo, consumir é uma forma de ter, e talvez a mais importante da atual sociedade abastada industrial. Consumir apresenta qualidades ambíguas: alivia ansiedades, porque o que se tem não pode ser tirado; mas exige que se consuma cada vez mais, pois o consumo anterior logo perde a sua característica de satisfazer. Os consumidores modernos podem identificar-se pela fórmula: Eu sou = o que tenho e o que consumo (FROMM, 1987, p. 45).

Por outro lado, diante deste mundo veloz, e em constante transformação, o ser humano se vê perdido e amedrontado. Não tem equilíbrio emocional, suas reações são intensas, o homem moderno é estressado e impaciente, pois, acaba reproduzindo o ritmo frenético dos meios de produção. Como máquina, o ser humano não admite erros e está cada vez mais intolerante e estressado.

Estes são os efeitos colaterais da modernidade. O indivíduo é intolerante principalmente em relação à espera, porque somos cobrados e estimulados a dar conta de nossas tarefas em uma velocidade muito grande. Tal comportamento contribui muito para piorar as relações humanas. O homem não tem paciência para conversar com tranquilidade e propor soluções, as tentativas de diálogos em busca de um consenso são frustrantes e acabam sempre em discussões acaloradas.

Entre o homem e a mulher, ninguém mudou tanto como elas. A perspectiva feminina se alterou juntamente com a modernidade, hoje, elas não têm como plano primordial casar-se e ter filhos, como era antigamente. Na atual conjuntura social, as mulheres almejam ocupar seu espaço e competir de pé de igualdade com o sexo oposto em todos os âmbitos. Querem ter uma carreira promissora, conquistar sua independência, antes de exercerem seus papéis de mãe. Contudo, até mesmo o poder patriarcal tem sofrido alterações, tanto assim que Alain Touraine considera que, “[...] os homens dominam [ainda] as mulheres [...] Isso era verdade ontem, hoje ainda o é, mas em parte e em menor proporção e sob novas formas” (TOURAINÉ, 2007, p.81). Se ainda ocorrem atitudes machistas em países desenvolvidos são, certamente, em menor frequência do que em países subdesenvolvidos, em que muitas mulheres ainda estão sob a tutela do homem. Porque, por mais que não se admita, muitos não aceitam esse novo papel feminino, a elevação da posição da mulher e sua independência moral e financeira geram a sensação de eles estarem perdendo a masculinidade.

### 1.3. Na era da contemporaneidade, o ser humano como produto perecível e o vazio existencial proveniente da sociedade líquida

O ser humano teve de se adaptar ao mundo contemporâneo, assim como Darwin descreve na sua teoria da evolução das espécies, o homem está em constante processo de transformação, visando se adequar às diversidades sociais e conseguir sua inserção nesse meio. Assim, ele tende a fazer escolhas e tomar atitudes que possibilitem seu reconhecimento perante a sociedade que faz parte, contribuindo para a perpetuação da sua própria espécie.

Mas acima das alterações ocorridas nas últimas décadas relacionadas à convivência social, estão aquelas ligadas à afetividade. Adentrar na era moderna também implica modificar comportamentos e valores. Muitas transformações ocorreram nos séculos passados e agora o homem sofre com seus efeitos, as mudanças atualmente não acontece somente no mundo externo, mas principalmente no interior de cada um, nos seus modos de sentir, de agir e de pensar.

Pela primeira vez na história, a sobrevivência física da espécie humana depende de uma radical mudança do coração humano. Todavia, uma transformação do coração humano só é possível na medida em que ocorram drásticas transformações econômicas e sociais que deem ao coração humano a oportunidade para mudança, coragem e a visão para consegui-la (FROMM, 1987, p.30).

Presenciamos notadamente em todo o mundo o quanto os conceitos de valores mudaram, começando pela questão do dinheiro, que hoje é mais valorizado do que a própria vida humana. O cidadão é julgado perante o que ele tem e não pelo o que ele é. Pois, no capitalismo o que vale é o capital ou o poder simbólico, que possa ser exercido por alguém.

Dito de outra forma, se não nos enquadrarmos num perfil econômico determinado pela maioria somos “descartados”, não somos reconhecidos, não somos nada. “Tem-se a impressão de que a própria essência de ser é ter: de que se alguém nada tem, se não é” (FROOM, 1987, p.25)

O homem não vê o outro como seu semelhante, mas sim como só mais uma peça no jogo da sua vida, onde ele acha-se no direito de movê-la conforme a posição que melhor lhe parece. Não há mais receio em ferir os sentimentos alheios com palavras ou atitudes, o indivíduo age visando seu bem pessoal unicamente, mas sem saber que ele também é uma peça no jogo da contemporaneidade e que é guiado de acordo com o ritmo e transformações da vida moderna.

Segundo Bauman, na era da *sociedade líquida*, o indivíduo se coisifica e adquire valor de objeto, podendo ser descartado a qualquer momento e substituído quando o seu “uso” não é mais vantajoso. Esse processo de despersonalização do homem é a maior característica da teoria de “vida líquida” retratada por Bauman, uma vida precária de constantes incertezas.

A vida na sociedade líquido-moderna é uma versão perniciosa da dança das cadeiras, jogada para valer. O verdadeiro prêmio nessa competição é a garantia (temporária) de ser excluído das fileiras dos destruídos e evitar ser jogado no lixo (BAUMAN, 2007, p.10).

Erich Fromm (1987) também impressionado com a supervalorização do capital em contramão aos princípios dedicou-se na busca por dados empíricos, e constatou que “a distinção entre o ter e o ser representa o mais crucial problema da existência”, que estes “são dois modos fundamentais de experiência, cujas respectivas forças determinam as diferenças entre os caracteres dos indivíduos e vários tipos de caráter social.”.

O homem moderno sente a necessidade de ser bem sucedido, e na sociedade contemporânea ocupa esta posição aquele que se sobressai financeiramente, profissionalmente

e emocionalmente, nessa ordem de valor. E, nesta busca incessante pelo poder, muitos princípios estão caindo em desuso.

Ele sente-se na obrigação, mesmo que inconsciente, de inserir-se nos padrões sociais da atualidade. E não mede esforços para conseguir isso, não sendo importante quem ou o que esteja em seu caminho em busca deste objetivo.

A sociedade moderna impõe muitos padrões e modelos a serem seguidos. Imposições que passam a ser como o código de conduta de todo indivíduo que almeje um lugar de notoriedade no âmbito social. Viver de acordo com os padrões pré-estabelecidos muitas vezes não supre a necessidade que o ser tem de satisfazer-se emocionalmente. Não age conforme suas vontades, pois ele passa a ser um escravo das aparências, cumprindo meras exigências sociais. Não se sabe se agimos segundo as nossas vontades ou se somos manipulados a agir pelo o que nos é cobrado socialmente. Somos aquilo que os outros esperam que nós sejamos. Rollo May (1972) diz que se nos comportarmos assim, jamais seremos autores de nossas próprias vidas, pois sempre estaremos dependendo das opiniões alheias.

O homem abre mão de muitas coisas que agradam seu ego na busca por *status* e reconhecimento. Deixando para últimos planos as amizades, a família, os relacionamentos amorosos, que antes eram elementos vitais para uma vida feliz. “a pessoa não se preocupa com sua vida e felicidade, mas em tornar-se vendável”, (FROMM, 1983, p. 72).

De acordo com Erich Fromm, o ser humano está se ausentando de si mesmo, da sua própria vida. Acaba preso no individualismo, dificultando as relações e interações sociais. O grande problema está no fato de que muitos indivíduos apesar de conseguirem alcançar o *status* social, contudo, não encontram satisfação pessoal. Há muitas representações de felicidade, quando na verdade falta ao ser à alegria de viver.

[...] a vida emocional do sujeito é ignorada. Ele terá de ser profissional “diante das injustiças e opressões. Mesmo que não adote em seu íntimo os valores do sistema, deverá praticá-los, pois é constantemente vigiado: o padrão ético é o da sobrevivência do menos sensível, chamado, ideologicamente, de „mais forte “(CARVALHO In: DI MANNO, 2002, 130).

Este vazio existencial se dá pela angústia de desejos internos reprimidos e a falta de afeto e de solidariedade entre as pessoas. Segundo Carlos Mota, “vivemos numa sociedade que cultiva, como valor cimeiro, o triunfo individual, portanto, partilhamos, na modernidade, uma sociedade pouco atenta ao sofrimento alheio. Daí, a frequência com que aparecem as crises de angústia aguda nestas circunstâncias” (MOTA, 2001, p.25).

O mesmo considera Gilles Lipovetsky em seu livro, *A era do vazio*, ao esclarecer as várias facetas da sociedade moderna, em que cada um vive de acordo com sua comodidade e bem estar próprio, evitando relações mais profundas que possam de alguma forma contribuir para renúncia de algo pessoal. O ser vive de superficialidades, está vazio de sentimentos.

Dessa forma, o sintoma mais significativo dos problemas existenciais do indivíduo de hoje é o vazio emotivo, que se manifesta na impossibilidade de sentir a vida, e na dessubstancialização dos valores, isto é, no esvaziamento dos significados das coisas.

Para entendermos o vazio é necessário verificar o seu componente antropológico e o seu componente social. O primeiro surge de um mal-estar pessoal, que decorre muitas vezes da situação que se está vivendo, o segundo, surge do contexto macro, isto é, do tipo de sociedade e dos valores que essa sociedade impõe à vida e que, juntamente com a questão antropológica, provoca o surgimento do vazio. Assim, o componente antropológico é a perda de sentido de vida, analisada acima. A pessoa, na maioria das vezes de forma inconsciente, deixa de ter um projeto de vida. As coisas que preenchiam o seu cotidiano vão se esfacelando ou esfumaçando-se, e a vida começa a desmoronar. Isto se deve ao fato de que o sentido foi colocado nos objetos e não na finalidade da vida, na maneira com que as coisas eram experiências. Como o sentido expressa-se na direção que se imprime ao viver algo, assim, colocar sentido nas coisas é falsear o problema. É necessário desvelar a orientação que sustém os atos concretos. A perda de sentido manifesta a deficiência entre a ideia de direção, que sustenta o ato, e a realização do próprio ato. A ausência de rumo que dê significado ao ato é a perda do sentido (GIOVANETTI, *apud* CUNHA, 2002, p.8)

O homem moderno está em constante competição entre quem tem mais e quem pode mais, e o indivíduo que não consegue entrar nessa competitividade sente-se falho, e sua principal reação é permanecer indiferente ao mundo ao invés de demonstrar fragilidade e derrota diante da sociedade. Por isso que hoje encontramos tantas pessoas com problemas relacionados à autoestima e às doenças mentais como a depressão. Acham mais fácil se isolar ao tentar se encaixar ao mundo moderno, sobrevivendo como um ser deslocado.

A insatisfação pessoal por não alcançar um objetivo, por não se enquadrar nos perfis cobrados pela sociedade moderna também contribui para que o ser se sinta impotente, incapaz, excluído, isolado do mundo e das pessoas que nele vivem. Este tipo de sentimento de frustração, de vazio existente no homem contemporâneo é descrito por Rollo May:

Um ser humano não é oco num sentido estático, como se fosse uma bateria precisada de nova carga. A sensação de vazio provém, em geral, da ideia de incapacidade para fazer algo de eficaz a respeito da própria vida e do mundo em que vivemos. O vácuo interior é o resultado acumulado, a longo prazo, da convicção pessoal de ser incapaz de agir como uma entidade, dirigir a própria vida, modificar a atitude das pessoas em relação a si mesmo, ou exercer influência sobre o mundo que nos rodeia. Surge assim a profunda sensação de desespero e futilidade que a tantos aflige hoje em dia. E, uma vez que o que a pessoa sente e deseja não tem verdadeira importância, ela em breve renuncia a sentir e a querer. A apatia e a falta de emoções são defesas contra a ansiedade [...] (MAY, 2002, p.22).

Vivemos em uma sociedade onde homens e mulheres disputam espaço, e o companheirismo cedeu lugar à competição. O homem moderno se sente perdido, não tem mais certeza do que é certo ou do que é errado, não há mais valores ou crenças a serem seguidos, cada um age conforme a sua razão. E nesse mundo de incertezas ele se sente só, desamparado, não sente segurança no outro, não tem apoio sentimental. É um ser solitário em meio há tantas pessoas. O ser necessita de afeto, de proteção, de aceitação para sentir-se pertencente ao grupo, importante ao outro e, só assim, sentir-se importante para si mesmo. A solidão é o grande medo do homem moderno, mas ao mesmo tempo ele não quer abrir mão da sua individualidade e da sua liberdade.

A aceitação social, o „ser estimado“tem tanta importância porque mantém à distância esta sensação de isolamento. Quando a pessoa está cercada de cordialidade, imersa no grupo, é reabsorvida, como se voltasse ao ventre materno, em simbologia analítica. Temporariamente esquece a solidão, embora ao preço da renúncia à sua existência como personalidade independente. Perde assim a única coisa que a ajudaria positivamente a vencer a solidão a longo prazo, isto é, o desenvolvimento de seus recursos interiores, da força e do senso de direção, para usa-los como base de um relacionamento significativo com os outros seres humanos (IDEM, 2002, p.29).

O homem cria, transforma, explora e acaba preso às suas próprias criações, sente o desejo de dominar o mundo e acaba ele mesmo sendo dominado por aquele. Torna-se objeto de suas próprias criações e vive na angústia de não ter tempo para se quer utilizá-las.

Depois do exposto, iremos, no próximo capítulo, destacar quais imagens são criadas por Raduan Nassar em *Um copo de cólera* (1978) e os interesses que subsistem por trás dos vínculos humanos estabelecidos entre as personagens dessa obra em questão.

## **2. A CONDIÇÃO HUMANA REPRESENTADA EM UM COPO DE CÓLERA**

Podemos afirmar, baseando-nos nas ideias de Afrânio Coutinho (2003), que *Um copo de cólera* vincula-se à estética modernista, pois há em sua composição “ [...] a ênfase sobre o ecletismo estilístico, a retomada de textos do passado, intertextualidade acentuada, o tratamento parodístico e o exercício constante da metalinguagem, a intensificação” (COUTINHO, 2003, p.241).

Além disso, a estrutura formal em sete capítulos apenas, apresentados de maneira desproporcional, pois os cinco primeiros são curtos e o penúltimo extremamente longo (*O Esporro*), consiste em outra característica das ficções pós-modernas. Raduan Nassar, que não se prende às estruturas clássicas, apresenta uma forma livre de criação. Outros índices também confirmam esta tendência livre de convenções textuais: a não presença de parágrafos, pouca pontuação, termos coloquiais e chulos. Isto faz com que a linguagem de Nassar seja despojada e despreendida de formalidades. Um exemplo disso consiste como é feita a descrição dos fatos pela personagem “Ele”. A sua narração, quase esquizofrênica, representa um desabafo numa completa descarga verbal, sem se preocupar com a estilística, falando o que lhe vem à mente.

[...] deixei as duas para trás e desabalei feito louco, e assim que cheguei perto não aguentei „malditas saúvas filhas-da-puta“, e pondo mais força tomei a gritar „filhas-da-puta“ [...] é preciso ter sangue de chacareiro pra saber o que é isso, eu estava uma vara vendo o estrago, eu estava puto com aquele rombo, e só pensando que ligustro não devia ser assim essa papa fina, tanta trabalhadeira para que as saúvas metessem vira-e-mexe a fuça (NASSAR, 1978, p.29).

Se de um lado, o escritor pós-moderno rompe com os rigores formais clássicos, por outro lado ele recupera os textos canônicos, utilizando-os de maneira parodística. Uma dessas

passagens se refere a Fernando Pessoa nos célebres versos do poeta fingidor<sup>1</sup>: “[...] ator, eu só fingia, a exemplo, a dor que realmente me doía” (NASSAR, 1978, p.37).

“Ele” também é o que podemos chamar de anti-herói, os protagonistas das narrativas pós 1970. Ao invés de ser um *gentleman*, parecido com o homem do período romântico, ele se descreve como “[...] „biscateiro” („graduado” no biscate), eu não era o „mestre”, menos ainda „honorável”, eu (ironia) não era certamente uma autoridade, mas mesmo assim tive ímpetos” (NASSAR, 1978, p. 44).

Raduan Nassar em suas produções literárias sempre apresentou uma tendência mais profunda de analisar o comportamento humano. De muito lhe ajudaram a sua formação filosófica e sociológica na construção de uma imagem fiel do homem moderno e de suas inquietações no mundo globalizado.

A sociedade contemporânea almeja a todo o momento a autoafirmação, é um momento de transição de valores, em que é mais importante conquistar seus ideais do que prestar atenção às angústias daquele que está a nosso lado. A solidariedade deixou de ser um ato humanístico e passou a ser uma disputa por poder e *status*. O vestígio do capitalismo inserido há décadas em nossa sociedade reflete com maior intensidade agora na vida do homem do século XXI.

Raduan Nassar não foge a esta representatividade humana, em *Um Copo de Cólera*, só há lugar para o individualismo, mesmo em ações conjuntas, como o ato sexual, cada um é voltado para o seu gozo, sem se preocupar com a autoridade. Nesses episódios de extremo egoísmo, Bauman (2004) entende que as pessoas não querem sofrer as consequências decorrentes de uma relação concretizada, apenas desfrutar de seus momentos prazerosos.

O livro, *corpus* deste estudo, é narrado em primeira pessoa com um discurso ideológico, cheio de energia e intensidade, emergindo as particularidades de cada personagem, na tentativa de convencer o leitor quanto à veracidade desse discurso.

---

<sup>1</sup> Ver Pessoa, 1972, p.164. “O poeta é um fingidor./Finge tão completamente/Que chega a fingir que é dor/A dor que deveras sente”.

Com uma linearidade cíclica, ou seja, imitando o próprio curso da vida, a narrativa começa como termina, somente alternando o gênero por trás da perspectiva, uma vez que o primeiro capítulo, intitulada de “A chegada”, trata-se de ver o mundo sob a ótica do homem e o último segundo a mulher. O narrador detalha as cenas de tal maneira que permite ao leitor integrar-se na trama sem estar necessariamente participando da mesma. A riqueza de detalhes descrita pelo narrador deixa as cenas com doses hiperbólicas de realidade.

“Ele” é o narrador da primeira parte, este representa o papel do homem contemporâneo, narcisista, vivendo em um individualismo desenfreado imposto pela nova sociedade. O leitor das páginas deste livro deve ter inicialmente cautela quanto à história que lhe é contada, já que existe uma interferência da visão de mundo em narrações em primeira pessoa. Outro detalhe que confirma a ideia de que a literatura é a representada da *vida como ela é* seria o fato de que “Ele”/ “Ela” que não são nomeados na trama pelo autor com o intuito referir-se ao homem contemporâneo em geral em suas relações com os demais sujeitos que os rodeiam. “Ele”, um dos protagonistas da trama de Nassar, é fascista. O outro, independente de quem seja, deve ser submisso a ele e aos seus anseios. Tanto assim que o conflito do casal se deve principalmente ao fato de “Ela” ser independente e, apesar deles manterem um relacionamento aberto, “Ele” quer impor a sua masculinidade como forma de demonstrar o seu poder sobre “Ela”.

*Um Copo de Cólera* é uma crítica aos modos de como se dão as relações interpessoais na contemporaneidade, apresentada por meio de uma relação *aparentemente* amorosa regada a individualismo, onde o desejo pela conquista individual se opõe à harmonia do duplo. A conquista do espaço feminino talvez seja o fator que culmina a discussão entre o casal, na qual “Ele” pode ser visto por uma outra ótica de ser incapaz de sobressair a “Ela”, tanto em relação ao profissional quanto ao sexual. Nessa narrativa, a mulher deixa de ser o sexo frágil e passa a competir por um espaço de reconhecimento/poder com o masculino.

Percebe-se, no início da trama, que “Ele” a todo instante é o sujeito que controla todas às ações a serem decorridas, ele é racional, apesar de perder a razão em determinados momentos. O fato de “Ele” colocar-se sempre na posição de comando já é um indicativo do tipo de relação que usualmente tem sido estabelecida na modernidade. A veemência da afirmativa de dizer que “Ele” é que está no controle da situação denota a sua fragilidade e a sua própria descrença no seu poder sobre o outro. A convivência entre “Ele” e “Ela” é típica dos relacionamentos da contemporaneidade, em que a ausência de valores dá lugar à euforia

de um consumismo desmedido. Nessas relações humanas, as aparências são a peça chave para um indivíduo galgar um espaço aparentemente e temporariamente seu.

“Ele” é um sujeito consumido pela cólera, pela impetuosidade e intolerância. O narrador “Ele” veicula imagens de um ser frágil e dependente para “Ela”. Numa análise mais sociológica desta relação patriarcal que conta o narrador “Ele”, podemos até mesmo relacionar “Ela” ao povo brasileiro da década de 70, que sob a imposição da ditadura militar, vivia tutelada pelo Estado. Mas esse é outro recorte possível sobre *Um copo de cólera*, fato que não se aplica ao presente estudo. No capítulo “O levantar”, “Ele” chega a condenar à maneira dependente e inútil de “Ela” em tudo aquilo que empreendia: “[...] Se bem que ela não fosse lá versada em coisas de botânica, menos ainda na geometria das coníferas, e o pouco que atrevia sobre as plantas só tivesse aprendido comigo e mais ninguém, e como eu sabia que não a rama sem tronco” (NASSAR, 1978, p.17). Nesse caso, “Ele” deixa tácito que é o detentor do conhecimento na relação entre os dois, por sua condição masculina.

Retomando ao livro, está dividido em sete capítulos, nomeados de maneira simples, apresentando o transcorrer de um dia no cotidiano moderno. “A chegada”, “Na cama” e “O esporro”, constituem bons exemplos de agora serem citados. O ambiente por mais que seja uma fazenda, as relações que ali se estabelecem poderiam se passar em qualquer lugar. Mas, por outro lado, devido o lugar representar um espaço bucólico provavelmente “Ele” e “Ela” estivesse tentando se exiliar, afastando-se do estresse da vida moderna. O tempo em que ocorrem os fatos é cronológico, pois há uma sequência linear entre os acontecimentos descritos.

A história começa com o narrador relatando seu relacionamento cotidiano com “Ela”, uma vida igual à de muitos casais. Os capítulos são sempre curtos e finalizam o conflito surgido, pois cada capítulo aborda um fato novo sobre a vida dos dois. Como já dissemos, o foco nessa ficção é mostrar as dificuldades e diferenças compartilhadas no relacionamento íntimo entre um homem e uma mulher, em que muitas vezes há subjugação de um pelo outro. “Ele”, por exemplo, acreditava que “Ela” era o seu brinquedinho sexual, estando ali só para saciar os seus desejos sexuais e carências maternas.

Me passando um pito de cenho fingido e me fazendo pequenas recomendações e me fazendo vestir a calça e me fazendo deitar as costas ali na cama, debruçando-se em seguida pra me fechar os botões, e me fazendo

estender meus pesados sapatos no seu regaço, para que ela, dobrando-se pudesse dar o laço (NASSAR, 1987, p.21-22).

A imagem apequenada que “Ele” faz de “Ela” pode ser vista no episódio “O esporro”, em que a discussão começa depois que “Ele” tem conhecimento de que as formigas arruinaram a sua cerca viva. Durante a contenda, “Ele” dirige-se a “Ela” como a “Femeazinha livre”, expressão que não passa despercebida do leitor que percebe o deboche e a tentativa de subjugação do narrador que tenta exercer sobre o feminino da obra o seu poder de macho.

A discórdia dura todo este capítulo, expressada por ditos chulos, palavras carregadas de ofensas e ressentimentos que provavelmente eram guardados e ruminados há muito tempo. O incidente com as formigas desmascara o personagem “Ele” que, até então, mostrava-se tão imponente e poderoso. Sua fragilidade fica explícita perante o fato de não conseguir lidar com uma situação corriqueira como esta. Nesse instante, “Ela” não perde a chance de o espezinhar e cinicamente lhe diz: “Não é pra tanto mocinho que usa a razão” (NASSAR, 1978, p.31).

Como se vê pelo trecho acima, “Ele” é a demonstração do individualismo moderno. Características como intolerância, narcisismo e solidão são próprias de sua personalidade e podem também representar o novo viver do homem na sociedade atual, principalmente nos grandes centros. Vendo sob esta perspectiva, iremos discutir as misérias humanas na modernidade.

### 2.1. O eu e o outro sob a ótica de *Um copo de cólera*

Inicialmente, para analisarmos a condição humana em *Um copo de cólera*, faz-se necessário observar o discurso de “Ele” no decorrer da narrativa. Percebe-se que “Ele” é um indivíduo inseguro que se ostenta através da imposição de poder que impõe aos demais sujeitos que participam da sua vida. A sua convivência com “Ela” é marcada por cenas descritas de acordo com sua própria ótica, em que o homem é o detentor do poder, mas que, na verdade, caracteriza-se como uma fragilidade mascarada.

No capítulo “O esporro”, em que as formigas cortam a cerca viva, deixa claro para o expectador a fragilidade em que a sociedade está vivendo em seus relacionamentos, em meio à intolerância e a explosão de emoções desenfreadas. Tudo é muito intenso e consumido instantaneamente. “Ele” vai do extremo da ira ao cansaço do desabafo, numa mostra da sociedade opressora e irracional em que estamos inseridos.

Durante o seu discurso, “Ele”, em nenhum momento, cita a sua ocupação, sabemos apenas que “Ele” mora em uma chácara vivendo assolado pela sua solidão e frustração. Podemos afirmar que o tipo descrito por Nassar em sua ficção não se distancia daquele conceito elaborado por Gilles Lipovetsky (2005) o do *homo economicus*. Para este autor, os vestígios desse comportamento é consequência dos resultados do período da Revolução Industrial, pois foi a partir dessa época que o ser humano passou a pensar mais em seu crescimento individual, nas suas conquistas particulares, meramente movidas por interesses, do que pelo afeto ou solidariedade.

Instala-se um novo estágio de individualismo: o narcisismo designa o surgimento de um perfil inédito do indivíduo nas suas relações consigo mesmo e com o seu corpo, com os outros, com o mundo e com o tempo no momento em que o “capitalismo” autoritário cede lugar a um capitalismo hedonista e permissivo. A idade de ouro do individualismo puro se desenvolve desembaraçado dos últimos valores sociais e morais que ainda coexistem com o reino glorioso do *homo economicus* [...] (LIPOVETSKY, 2005, p.32).

De acordo com as constatações vistas anteriormente, serão abordadas a seguir as principais características comportamentais de “Ele” que representariam as do homem na sociedade atual.

#### 2.1.1. O intolerante

Intolerância é uma característica marcante na personalidade de “Ele”, no decorrer da obra, isto se torna evidente por meio de suas atitudes. “Ele” nunca admite estar errado, muito menos, aceita a opinião do outro. Seus gostos sempre prevalecem num confronto direto com alguém. Por isso, tenta sempre enquadrar os outros aos seus padrões, pois, o diferente o intimida e reflete o seu fracasso pessoal.

As pessoas que convivem com “Ele” são alvos constantes do seu mal humor. Como não se importa com os sentimentos alheios, não mede palavras e brutalidades no trato com os seus serviçais. Sempre tirano, cobra deles dedicação exclusiva e obediência “[...] eu imediatamente

encomendei „o café“, ela sabia muito bem, pelo tom, que eu queria dizer com isso, e sabia perfeitamente em que dias é que devia servi-lo assim completo” (NASSAR, 1978, p.24).

Impacienta-se, chegando até a ficar irado, quando os serviçais o contrariam.

Mariana queria abrir a boca pr“eu desembestar „eu já disse que o horário aqui é das seis às quatro, depois disso eu não quero ver a senhora na casa, nem ele na minha frente, mas dentro desse horário eu não admito, a senhora está entendendo? e a senhora deve dizer isso ao seu marido, a senhora está me ouvindo?“ e o meu berro tinha força, ainda que de substância só tivesse mesmo a vibração (NASSAR, 1978, p. 35).

No recanto onde vive, “Ele” dita as leis e não permite que ninguém intervenha alterando a sua rotina. Em seu “mundinho” ele é o líder e ninguém mais tem autoridade ou autonomia ali, “[...] vá lá derramar a tua gota na enxurrada de palavras; desperdice o papel do teu jornal, mas não meta a fuça nas folhas do meu ligustro” (NASSAR, 1978, p.46).

“Ele” é altamente machista, o detentor do conhecimento, o todo-poderoso, e através de suas falas tenta passar a ideia de masculinidade e virilidade repetidas vezes, como se fosse uma autoafirmação. Por isso, nas suas interpelações com o leitor sempre tenta se vangloriar dos seus dotes sexuais, intelectuais e de suas habilidades.

A todo o momento tenta conseguir tal feito ressaltando suas qualidades e menosprezando “Ela”. “Ele” não concebe a ideia de que a sua companheira, se assim podemos denominá-la, venha a ser melhor do que ele. Por isso, todas as comparações entre os dois, “Ele”, no final das contas, sempre leva vantagem. “[...] e era então que eu falava da inteligência dela, que sempre exaltei como a sua melhor qualidade na cama, uma inteligência ágil e atuante (ainda que só debaixo dos meus estímulos)” (NASSAR, 1978, p.14).

O indivíduo intolerante, sempre à beira de um momento de fúria, vive na cegueira do seu egocentrismo, assim é “Ele” em *Um copo de Cólera*. Como tem uma argumentação fraca, perde as estribeiras diante da astúcia de “Ela”, sendo seu último argumento a força física na demonstração de quem é quem manda.

E eu me queimando disse „puta“ que foi uma explosão na boca e minha mão voando outra explosão na cara dela, e não era a bofetada generosa parte de um ritual, eu agora combinava intencionalmente a palma co“as armas repressivas do seu arsenal seria sim no esporro e na porrada, por isso tornei

a dizer „puta“ e tornei a voara mão, e vi sua pele cor- de –rosa manchar-se de vermelho ( NASSAR,1987,p.66).

Gilles Lipovetsky (2005) confirma a violência exacerbada do indivíduo intolerante “ O código de honra educa os homens a se afirmarem pela força, a ganhar o reconhecimento dos outros[...]a lutar até a morte para impor respeito” ( LIPOVETSKY, 2005, p.147). Assim, a intolerância de “Ele” é um dos reflexos da sua alma narcisista. Assunto que iremos discutir a seguir.

### 2.1.2. O Narcisista

Com a contemporaneidade, o indivíduo está cada vez mais preocupado consigo mesmo, não se importando com os sentimentos alheios. “O narcisismo inaugura, pela sua indiferença, a pós-modernidade” (LIPOVETSKY, 1989, p. 48).

Este homem moderno espera que o mundo gire somente em torno de si, e não mede esforço para alcançar seu sucesso pessoal, sendo capaz de ferir os preceitos éticos. “Ele” quer ser admirado, aceito pela sociedade, necessita da aprovação das outras pessoas, e se não a consegue, busca se auto-afirmar, exaltando a si mesmo. Giddens considera que “não tendo envolvimento pleno com os outros, o narcisista depende de infusões contínuas de admiração e aprovação para estimularem um sentido incerto de automerecimento”. (GIDDENS, 2002, p.159).

O modo pelo qual “Ele” conduz a relação com “Ela” e os seus serviçais confirma-nos o seu egocentrismo. “Ele”, como narcisista, não aceita que sua parceira lhe sobressaia em níveis de sabedoria e/ ou profissionalmente. Por isso, durante os seus relatos expressões pejorativas como “jornalistazinha de merda” podem ser destacadas. Mas isso só demonstra o egoísmo e a inveja de “Ele” quanto aos dons e potencialidades do outro.

Esta personagem masculina de Raduan Nassar é a representação do ser perfeito, o super-homem, aquele que acha *feio tudo o que não é espelho*<sup>2</sup>. Assim, há uma narração hiperbólica de seus feitos, qualidades físicas, intelectuais e sexuais.

[...] „nunca te passou pela cabeça, hem intelecta de merda? nunca te passou pela cabeça, que tudo que você diz, e tudo que você vomita, é tudo coisa que você ouviu de orelhada, que nada do que você dizia você fazia, você só trepava como donzela, que sem minha alavanca você não é porra nenhuma, que eu tenho outra vida e outro peso...” (NASSAR, 1978, p.45)

“A cultura narcísica é a celebração da aparência física, o triunfo do espelho e oculto da própria imagem” (PEREIRA, 2006, p. 03). Na trama, quando havia certa *insatisfação* na hora da intimidade do casal por parte de sua amante, isso não era, a seu ver, falha sua, mas dela. “A pele cor de rosa e apaziguada, um suspiro breve e denso como se dissesse „eu não tive o bastante, mas tive o suficiente” (que era o que ela me dizia sempre)” (NASSAR, 1978, p. 24).

Na tentativa de atingir os altos padrões de competitividade na pós-modernidade, o narcisista perde os valores éticos, e acredita sempre que é o melhor, tornando insuportável o seu convívio com os demais. O fato de não conseguir aturar ninguém, muito menos dividir nada com o outro, faz com que o sujeito narcisista busque o exílio, pois assim só precisa lidar apenas consigo.

### 2.1.3. O solitário

São muitas as cobranças impostas pela sociedade atual, para o indivíduo pertencer a certos grupos sociais. Os padrões pré-estabelecidos são muitas vezes inalcançáveis para muitos e gera problemas relacionados à autoestima e autoafirmação, por isso não é por menos que a depressão é a doença do século. Embora o ser humano tenha medo da solidão, ele não abre mão da sua individualidade.

O cidadão que não atinge os perfis econômicos e sociais modernos se sente excluído, e como a exemplo de “Ele”, prefere se isolar ao ter que expor seu fracasso pessoal aos demais.

---

<sup>2</sup> Expressão usada por Caetano Veloso para indicar o comportamento egocêntrico de Narciso na música *Sampa*.

Na cabeça obsessiva desses indivíduos, eles só serão taxados de fracassados se tiverem contatos com seus semelhantes, se forem comparados a eles. Assim, quanto menos manterem intimidades com as outras pessoas, menos saberão sobre sua vida e seus insucessos.

Por mais que “Ele” tente demonstrar-se imponente e independente, se analisarmos a obra de outra ótica que não seja a dele, podemos perceber que se trata de um ser deslocado na era contemporânea. Um homem que não consegue se encaixar no meio em que vive, e por isso os outros permanecem distantes dele.

Só o fato de “Ele” morar isolado da cidade, em uma chácara, já é um indicativo da sua necessidade de fuga. É muito mais fácil para ele viver em seu recanto “[...] em absoluta solidão – sem plateia, sem palco, sem luzes” (NASSAR, 1978, p.75), do que se submeter às avaliações alheias sobre seu modo de vida e seus comportamentos explosivos. “Ela” deixa isto claro na passagem:

[...] além claro do susto que te provoço como mulher que atua...e quanto a esse teu arrogante „exílio“ contemplativo, a coisa agora fica clara: enxotado pela consciência coletiva, que jamais tolera o fraco, você só tinha que morar no mato; [...] pra esconder melhor os motivos verdadeiros [...] só podia ser este o teu „destino“: viver num esconderijo” (NASSAR, 1978, p.61)

Percebe-se que “Ele” não tem a habilidade de se relacionar bem com as pessoas, efeito inclusive do seu comportamento intolerante e narcísico, como já mencionados anteriormente.

Já está tão acostumado a viver em seu “mundinho” no qual “Ele” é que impõe as regras de acordo com o seu bem-estar, onde também se diz ser o chefe absoluto.

É inconcebível a “Ele” dar atenção a alguém, manter diálogos então é artigo de luxo na vida deste homem. “Ele” berra sem ouvir o outro como no episódio em que discute com “Ela” sobre dar ordens aos criados. Além disso, não existe comunicação verbal, porque “Ele” assim o quer. Em outra passagem, “Ela” chega em seu sítio encontra um bilhete no qual “Ele” dizia onde estava “estou no quarto” (NASSAR, 1978, p.80), uma mensagem breve, que representa sublinaramente sua objetividade e frieza. Outro fato está na sua insistente recusa em responder as perguntas dos empregados, como fizera com Mariana: “ela me perguntou „que que você tem?“, mas eu, sentindo o cheiro poderoso do café que já vinha da cozinha, eu não disse nada, sequer lhe virei o rosto” (NASSAR, 1978, p.26).

“Ela” é a única que o conhece verdadeiramente, apesar de “Ele” sempre usar de subterfúgios quando demonstra sua verdadeira intimidade. Os indícios são claros de que “Ela” reconhece o comportamento de isolamento dele, como já falamos. Tanto assim que o episódio da cerca, com todo aquele alvoroço, tem uma forte justificativa, representaria não somente uma simples planta, mas também uma barreira entre ele e o mundo. A cerca seria uma representação do seu espaço delimitado. “[...] sou bem capaz de avaliar os teus temores... tanto recato, tanta segurança reclamada, toda essa preocupação co’a tua cerca, [...] „ergue logo um muro, constrói uma fortaleza, protege o que é teu na espessura duma muralha”” (NASSAR, 1978, p.47)

Como “Ele”, no mundo moderno, as pessoas ocultam o seu verdadeiro eu. Nesse sentido, “Ele” é um farsante, dissimula na frente do leitor um ser que ele não é. Por ser uma narrativa em primeira pessoa, não podemos confiar plenamente no relato desse narrador que contamina o seu relato com seu egocentrismo e narcisismo. Por traz dessa couraça de homem ideal, forte e inteligente se esconde um indivíduo amedrontado, apequenado e solitário.

## CONCLUSÃO

A sociedade moderna vem sofrendo as consequências decorrentes da era do capitalismo. Atualmente, o consumismo dita e regula as regras de conduta do indivíduo moderno. Por isso, a sociedade está se tornando um objeto de programação burocrática, ou seja, o indivíduo atual vive uma nova filosofia de vida, na qual a busca da satisfação pessoal está diretamente ligada ao consumo descomedido de bens supérfluos, na tentativa de manter um padrão de vida ideal. Em resumo, as aparências do *ter* simbolizam o *ser*.

O acesso às tecnologias e à praticidade faz com que o indivíduo fique mais consumista, pois ele busca a agilidade, o conforto e a qualidade. Mas, por outro lado, este modo de vida, que centra numa realização de si mesmo, vai progressivamente fazendo com que este homem perca a sua relação (leia-se ainda socialização) com o outro.

A obra de Raduan Nassar em estudo vem retratar o homem moderno através do comportamento de seus personagens. A rotina do casal de *Um copo de cólera* é semelhante ao das pessoas hoje em dia, que geralmente tem uma vida centrada no eu. “Ele”, que não tem nome na história, incorpora o indivíduo intolerante, agressivo, preocupado apenas com o seu bem estar pessoal. Por exemplo, para a personagem “Ele”, a sua mulher devia-lhe respeito e submissão.

Obsessivo pelo seu próprio eu, “Ele”, em *Um copo de cólera*, é sempre compulsivamente disciplinado, organizado e autossuficiente. Esta personagem se vangloria e ao mesmo tempo menospreza os outros, para que se sintam inferiores a ele. O comportamento de “Ele” aproxima-se ao do modelo de conduta que as pessoas adotam atualmente. Contudo, essas características passam despercebidas no dia a dia, por estarmos acostumados com o individualismo imposto pela sociedade moderna. Desse modo, a tendência é que a intolerância, o narcisismo e o consumismo estejam cada vez mais presentes nas próximas gerações.

Fundamentando nossa análise da obra de Raduan Nassar em teóricos como Gilles Lipovetsky (2005), “Ele” é um indivíduo intolerante, por achar que a sua razão sempre deve prevalecer sobre as demais. Para isso, não mede esforços, nem mesmo se precisar usar a força para impor as suas vontades sobre a outriedade. Contudo, outro lado de sua personalidade é a

arrogância, pois “Ele” não aceita críticas, muito menos estar numa posição de inferioridade a quem quer que seja. Com o título de excelência, considera-se uma espécie nobre em extinção.

Para Bauman (2008), esta é uma das características mais relevante da modernidade, o culto a uma imagem irretocável do cidadão.

Sob este aspecto, para nós, o indivíduo arrogante e intolerante não deixa de ser também narcisista. Carregado de ideias autoritárias e sem ética, este homem deseja ser exaltado pelos demais e quando isso não ocorre, utiliza-se da fúria para obter atenção e respeito. Lipovetsky (1989) compreende que o narcisista é indiferente aos demais à sua convivência, ele sempre está voltado para os seus desejos individuais e para o consumo exagerado. Na ficção de Raduan Nassar, o episódio das formigas na cerca viva, ajuda-nos a compreender melhor a personalidade egocêntrica e narcisista de “Ele”. Essa ausência de habilidade de conviver com o outro o leva a se isolar, reforçando-nos mais uma vez sua tendência ao narcisismo.

Concluindo, como o comportamento humano vem se modificando juntamente com o crescimento industrial, o homem tem se adequado aos padrões exigidos pela sociedade. Refletir sobre estas mudanças sociais e também comportamentais, ajuda-nos a desvendar e entender este meio no qual fazemos parte, além de ampliar nossa capacidade de nos auto avaliar em nossas relações com os demais.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Amor Líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2008.

\_\_\_\_\_. *Identidade*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2004.

\_\_\_\_\_. *Medo Líquido*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1998.

\_\_\_\_\_. *Tempos líquidos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2007a.

\_\_\_\_\_. *Vida líquida*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2007b.

CARDOSO, Carlos Mota, Artigo: *Pelos trilhos da angústia (Ansiar, Angustiar, Neurotizar)* Volume III, nº 1, Janeiro/Fevereiro 2001.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Vol. 6, São Paulo: Global Editora, 2003.

DI MANNO, Danilo. *Existência e Saúde*. SBC: UMESP, 2002.

FROMM, E. *Análise do homem*. Tradução de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983

\_\_\_\_\_. *A Arte de Amar*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Ter ou ser*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. *As Consequências da Modernidade*, Tradução de Raul Fiker – São Paulo, Editora: UNESP, 1991.

GIOVANETTI, José Paulo. *Pós-Modernidade e o vazio existencial*. In: DI MANNO, Danilo. *Existência e Saúde*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002

\_\_\_\_\_. *Pós-Modernidade e o vazio existencial*. In: SARA CUNHA, <https://docs.com/LGL7>, Universidade Federal de Minas Gerais. s/d.

GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do Romance*. Trad. Jorge Zahar. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1967.

LIPOVETSKY, G. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Tradução Miguel Serras Pereira; Ana Luísa Faria. Lisboa: Relógio d'água, 1989.

\_\_\_\_\_. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*, tradução de Therezinha Monteiro Deutsch – Barueri, SP: Manole, 2005.

MAY, R. *O homem à procura de si mesmo* (1972). In.: PERETTI, Lívía. Os Grandes Conflitos Interiores do Homem Contemporâneo: Solidão, Vazio e Ansiedade. *Revista Educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. *O homem à procura de si mesmo*. Tradução de Áurea Brito Weissenberg. 29. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

NASSAR, Raduan, *Um Copo de Cólera*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1978.

PEREIRA, W. C. C. *Autoridade, poder a autonomia: vícios e virtude*. In: Revista Convergência. Rio de Janeiro, ano XLI, n. 392: CRB, maio 2006, ano XLI, n. 392.

PESSOA, Fernando - *Obra Poética*, Cia. José Aguilar Editora - Rio de Janeiro, 1972, pág. 164.

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna. In. SOUZA, Jessé ; OËLZE, B. (Orgs.). *Simmel e a Modernidade*. Brasília: Editora UnB, 1998, pp. 23-40.

\_\_\_\_\_. A MetrÓpole e a Vida Mental. In: VELHO, Otávio G. (org.). O FenÓmeno Urbano. *Em Tese*, Vol. 4 n. 1 (1). Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987/agostodezembro/2007, p. 101-118.

TOURAINÉ, A. *O mundo das mulheres*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. Alain. *Crítica da Modernidade*. Tradução de Elia Ferreira Edel. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 431 p.